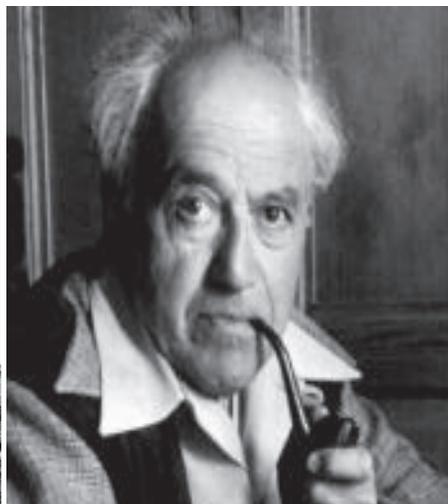




Friedrich Engels



Ernest Bloch

Rebelde *in Christo*

Por Tarcísio Vanderlinde*

Numa visão utópica, o filósofo Ernest Bloch reconhece em Müntzer um precursor, um herói para a revolução socialista.¹ O leitor precisa estar atento e fazer um pouco de malabarismos para descobrir de onde e quando Bloch retira suas informações. De qualquer forma, trata-se de um relato que, para a historiografia, pode ser considerado um documento precioso. É nítida a influência, no texto de Bloch, de Friedrich Engels e do estudioso da questão agrária, Karl Kautsky.² Ao mesmo tempo, Bloch dirige pesadas críticas a um texto escrito por Melancton, possivelmente autor da primeira biografia escrita sobre Thomas Müntzer.³ Segundo Bloch, Melancton, na defesa da fé

luterana, teria subvertido a verdadeira história do pastor, através de um relato *sectário, às vezes conscientemente mentiroso e quase sempre inutilizável.*

Bloch dedica todo um capítulo da obra a comentar fontes, biografias e novas edições sobre a vida de Thomas Müntzer. Embora, no decorrer do texto, o leitor encontre um pouco de dificuldade em localizar as referências, o capítulo mencionado pode ser considerado relevante, à medida que informa o leitor sobre inúmeras possibilidades de garimpar sobre a vida do *rebelde in Christo*. Além das formalidades de um texto acadêmico, o livro de Bloch é dividido em duas partes. A primeira é dedicada à vida de Thomas Müntzer e a segunda à

direção da prédica e teologia do pastor. Na primeira parte, entre outros assuntos, Bloch ressalta aspectos relacionados ao nascimento, influências, peregrinações, litígio e exílio na vida de Müntzer. Diversos documentos de época recebem aí atenção. O resultado da Revolução e a atualidade de Müntzer são especialmente lembrados e analisados nessa parte. Na segunda tem-se, reflexões em torno de temas sobre o direito da força e do bem, digressões sobre o compromisso eclesial entre o mundo e Cristo e o homem absoluto diante dos caminhos da ruptura. Os tradutores de Bloch destacam que o leitor encontrará, ao longo das páginas, um grande esforço de tradução das

palavras majestosamente barrocas, seiscentistas, que chegam a assemelhar-se às do Padre Antônio Vieira. Não há porque não admitir encontrar-se diante de um texto erudito, brilhante e poético. Há que se reconhecer uma certa dificuldade em resenhar um livro como esse.

Nos momentos introdutórios do seu texto, Bloch adverte:

“Sempre queremos permanecer em nossa própria circunstância. Assim também não olhamos, aqui, de nenhum modo, para trás. Pelo contrário, engajamo-nos no passado enquanto ele é presente. E, deste modo, outros se transformaram, os mortos retornam, seu gesto revive ainda em nós. Müntzer sucumbiu de maneira mais brusca, embora tivesse almejado o que há de mais grandioso. Quando o analisamos enquanto homem de ação, ressaltam nele o presente e o absoluto, numa perspectiva mais altaneira e mais ampla que numa experiência demasiado vivida, e apesar disto, com vigor idêntico, Müntzer é, antes de tudo, História no sentido fecundo; seu presente e seu passado merecem a lembrança, lá permanece ele para comprometer-nos, entusiasmar-nos, para apoiar, sempre mais amplamente, nosso desígnio. (...) Os mortos retornam, como num novo gesto, assim em significativo contexto, portador de novas descobertas, e a compreendida História, formada sob o influxo impulsionador de idéias revolucionárias, transformada e iluminada em lenda, torna-se uma função que não se perde, na plenitude dos seus testemunhos, enunciados pela Revolução e o Apocalipse”.

Na visão de Bloch, Müntzer tem uma infância difícil, experimentando, desde cedo, todas as amarguras da vergonha e da injustiça. Praticamente abandonado, cresceu como filho único de gente pobre. Cedo perdeu seu pai que, segundo consta, teria acabado numa forca, vítima de arbitrariedade de

um conde. Sua mãe maltratada foi expulsa da cidade, porque estava na miséria. Essas experiências iniciais teriam grande impacto na vida de Müntzer. Suas pregações eloqüentes como sacerdote começaram cedo. Sua paixão intelectual o fizeram voltar para leituras de Eusébio, São Jerônimo e Santo Agostinho. Consta que, no início de sua carreira sacerdotal, Lutero teria tido uma boa impressão de Müntzer, mas que este, por sua vez, já então entregue a reflexões mais profundas, não teria tido um sentimento recíproco. Lutero, no entanto, o convidou para trabalhar em Zwickau, onde ele se tornaria capelão e pregador; esta era uma cidade desde muito minada pelos inspirados, na observação de Bloch. Mais tarde, expulso da cidade, produzirá em Praga um manifesto que assustará Lutero. Sua heresia provocará perseguição. Logo surgirá como um comunista revolucionário, quiliástico.⁴ No início do movimento, teria escrito a um funcionário do Príncipe Eleitor: *“Digo-vos que se deve prestar atenção muito intensa aos novos fatos do mundo atual. As velhas instituições não mais funcionam, de nenhum modo; pois não passam de espumas pretensiosas, como diz o profeta”.*

O confronto entre Lutero e Müntzer é, em muitos momentos,



Thomas Müntzer

observado por Bloch. Segundo ele, teria sido Müntzer o primeiro entre os reformadores a celebrar o ofício divino totalmente em língua vulgar, já na Páscoa de 1523, o que teria suscitado a invejosa sabotagem de Lutero. Sendo o primeiro a rezar e a pregar em alemão, acalentava o desejo de que o povo não atribuisse às obscuras palavras latinas um outro poder mágico. Müntzer via em Lutero uma “fé fingida”, e o acusava de uma subserviência ao Estado que nele legitimava todo o rebaixamento espiritual na Alemanha. Segundo Müntzer, os pasquins luteranos haviam intimidado a comunidade e tornaram os opressores mais afoitos, *é necessário, do modo mais intenso, opor-se ao crescente mal, com o testemunho da destreza cristã.* Nos confrontos com Lutero, consta que Müntzer imprimiu, em Nuremberg, seu mais famoso panfleto: *Muito bem fundada Apologia e Resposta a esta carne sem espírito que leva boa vida em Wittemberg e que, virando tudo pelo avesso, truncando a Santa Escritura, enxovalhou de maneira tão desoladora a miseranda Cristandade.* Na versão

de Bloch, Müntzer desmascara Lutero, partidário dos príncipes, pronto a justificar, com a Sagrada Escritura, a exploração e a tirania de classe.

Müntzer foi um profeta além da palavra. Não seria mera dissolução que queria apenas rasgar o Livro dos livros, como se faria mais tarde, igualmente a qualquer outro. Ao contrário, renunciava-se à interpretação filosófica mais próxima para assim poder assimilar o que *queria ser dito por trás*. Müntzer recomendava que não se deveria fazer como os astuciosos, que citam um dito aqui, outro lá, sem acentuar a interpretação do espírito total da Escritura. Numa afirmação apologética, Bloch destaca que somente na mais profunda escuridão canta o rouxinol espiritual – só quem conseguiu perscrutar o espírito vê no testemunho vivo o Cristo, sem o qual ninguém seria capaz de falar tão profundamente de Deus. Só Müntzer se volta inteiramente e com desvelo a escutar a palavra que soa no oculto, e atendê-la. Na visão utópica de Bloch, unem-se finalmente marxismo e sonho incondicional no mesmo passo e na mesma cruzada, como força para a trajetória e fim de todas as redondezas em que o homem fora um ser pressionado, menosprezível, esquecido; como reconstrução do planeta Terra e vocação, criação e conquista do Reino. Bloch destaca que Müntzer, com todos os quiliastas, permanece como o inovador nessa peregrinação tempestuosa. Afirma que não apenas irromperá vida nova na velha realidade, mas haverá mais coisas ainda:

“há um campo aberto para trasbordamentos, abertos nos ficam o mundo e a eternidade, o novo mundo do calor humano e da ruptura, da luz que jorra efusivamente no íntimo humano. Agora tem que ser o tempo do Reino e para lá se dirigem os raios do nosso espírito, nunca de omissão e nunca decepcionado. Já houve bastante História Mundial, já houve demasiada contenção formal da cultura, pólis, obras, ofuscamentos, obstáculos: abertamente impõe-se uma outra e irresistível vida; esmaecem os bastidores do palco da história, do palco da pólis, do palco da cultura. E eis que aí penetra o esplendor da alma, das profundezas, de um céu de sonhos distendido e estrelado de solo a zênite. Desenrolam-se os verdadeiros firmamentos e ininterrupta desliza nossa estrada das decisões até aquele misterioso símbolo para o qual a terra, perscrutante e grave em suas penumbras, gira desde o princípio dos tempos”.

Notas

* Professor do Colegiado de Geografia da Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon. Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense.

¹ Lindberg informa que o estímulo moderno à pesquisa em torno de Müntzer veio de historiadores marxistas influenciados pela reinterpretação proposta por Friedrich Engels, para quem o pastor era um teólogo que pregava a libertação da opressão social e política. Em um panfleto preparado para o quinto centenário de seu nascimento em 1989, um comitê na ex-Alemanha Oriental escreveu o seguinte: “*A República Democrática Alemã tem se compreendido a si mesma como um Estado que vive de acordo com a idéia de Thomas Müntzer, segundo a qual ‘o poder é dado à gente comum’.* Na condição de homem que lutou com sacrifício próprio e dedicação pelo objetivo de construir uma nova sociedade em defesa dos interesses do povo

comum, o exemplo de Müntzer demonstra valores éticos e morais que ainda produzem frutos na criação dos fundamentos do socialismo (Lindberg, 2001, p. 174).

² Merece atenção a visão libertadora que Hugo Echegaray constrói sobre Thomas Müntzer. A reflexão de Echegaray se insere nas discussões sobre teologia da libertação na América Latina na segunda metade do século XX.

³ Philipp Schwarz ed Melanchthon, redigiu em 1521, o primeiro relatório sistemático da teologia da Reforma (*Loci Communes*). Preparou o texto da Confissão de Augsburgo em 1530. Chefio o movimento luterano após a morte de Lutero, adotando um posicionamento mais humanista, atraiu críticas dos luteranos rigorosos. Sua atitude de universitário valeram-lhe o título de *Praeceptor Germaniae*. Uma análise recente sobre o grande cooperador de Lutero, pode ser encontrada na revista *Lutherische Monatshefte*. Fevereiro de 1997.

⁴ Do grego *khilias*, milhar. Termo associado aos movimentos milenaristas, alguns dos quais considerados heréticos por Roma e que se manifestaram na história do cristianismo desde o início da Era Cristã.

Referências Bibliográficas:

- BLOCH, Ernest. *Thomas Müntzer, teólogo da revolução*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1973.
- ECHEGARAY, Hugo. *Utopia e reino na América Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- LUTHERISCHE MONATSHEFTE. Hannover: Lutherisches Verlagshaus GMBH, 1997.
- LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.